

Pedagogia da Bobagem: Uma pedagogia de palhaço na educação de adultos com deficiência intelectual

Laili von Czékus Flórez Cabalero
Universidade Federal da Bahia – mestranda
Processos educacionais em artes cênicas – Or: Luís Cláudio Cajaíba
Palhaça e educadora

Resumo: A educação de adultos com deficiência intelectual tem sido vista como uma grande interrogação nas discussões em pedagogia, por apresentar desafios de escolhas metodológicas e avaliação. A presença das artes nesse currículo resume-se com frequência a didáticas ultrapassadas, com escolhas previsíveis e limitantes, e raramente inclui as artes cênicas como uma de suas possibilidades. O palhaço tem em comum com o deficiente intelectual a curiosidade, a espontaneidade e a pureza na exibição de suas bobagens. Uma pedagogia de palhaço neste campo de ensino pode ir além de processos criativos baseados na cópia e na repetição e trabalhar nos alunos o seu autoconhecimento, aceitação de suas singularidades (valorizadas sob a ótica do palhaço) e consequente maior segurança na sua inclusão social.

Palavras-chave: palhaço, teatro-educação, educação especial, deficiência intelectual.

Introdução

No segundo semestre de 2006, fui contemplada com uma bolsa-estágio em teatro-educação, iniciativa da Prof.^a Maria de Lourdes Costa Pinto, então integrante do corpo docente do curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal da Bahia. Para local de estágio escolhi, após uma breve visita junto à turma de licenciandos, o Instituto Pestalozzi da Bahia, na época uma escola de educação especial para alunos com deficiência intelectual.

A área da educação especial apresenta dificuldades específicas, que muitas vezes não são supridas pelas instituições voltadas para esses alunos e alunas ou, ainda menos, na inclusão em escolas regulares de ensino, cujas estruturas física e pedagógica são despreparadas para acolher o indivíduo com necessidades educacionais especiais. As escolhas político-pedagógicas para o meu trabalho no Instituto Pestalozzi da Bahia vieram a partir da consciência de que é preciso um diálogo com as diferenças baseado na amorosidade (FREIRE, 2003) e não apenas no respeito, mas na valorização das particularidades. O palhaço então surgiu pelas minhas práticas artísticas na técnica (sou palhaça desde 2006) e por apresentar-se como uma possível aplicação dos princípios citados em um processo pedagógico em artes cênicas.

Foram quatro meses de aulas com jovens e adultos entre 17 e 39 anos de idade, todos com deficiência intelectual. A partir desta experiência, surgiu a vontade/necessidade de aprofundar tal proposta metodológica, o que motivou minha volta à instituição um ano

depois, em uma experiência que fundamentaria o meu Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em 2008.

No ano de 2010, ingressei como aluna regular de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, na Universidade Federal da Bahia. Meu projeto de pesquisa objetiva a sistematização da metodologia que trabalho no campo da educação especial, com a proposta de uma pedagogia de palhaço para alunos adultos com deficiência intelectual.

O palhaço e o adulto com deficiência intelectual

Atualmente, a definição de deficiência intelectual adotada pelo Ministério da Educação é a mesma da Associação Americana de Deficiências Intelectuais e de Desenvolvimento (AAIDD, antiga Associação Americana de Retardo Mental, AAMR).

Segundo Evangelista (2002), a então AAMR caracteriza deficiência mental (ou retardo mental, ainda na antiga nomenclatura) por um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média da população – Q.I.¹ menor ou igual a 70 – e “limitações relatadas em duas ou mais das áreas de habilidades adaptativas” (p. 22).

A escolha do palhaço deveu-se também à aproximação natural desse público específico com o mundo da palhaçaria. São inerentes ao indivíduo com deficiência intelectual, assim como às crianças e aos idosos, características que são típicas e onipresentes no palhaço: a verdade, a pureza, a simplicidade, a liberdade de jogar com os padrões sociais, o prazer de brincar, curiosidade.

Outro aspecto em comum é a vivência do presente. Como o/a deficiente intelectual possui dificuldades de memória e de projeção do futuro (PACHECO e VALENCIA, 1997), o ‘hoje’ é o tempo de sua ação e interferência no mundo. Para Jara (2004), o palhaço vive o presente mais imediato e a intensidade com que o vive é o seu trampolim para a conversão do passado e do futuro ao mesmo tempo. Da mesma forma, Puccetti (2006) afirma que a “técnica do palhaço é viver e atuar no tempo presente, segundo sua lógica e seus impulsos” (p. 22).

Nesse sentido, o palhaço possui uma conduta que não obedece à pauta moral da sociedade, repleta de reflexões de causas e consequências, retrospectivas e projeções. Sua lógica é própria e suas ações se assemelham a uma criança pequena, ou um/a adulto/a quando não está sendo observado/a e suscetível ao julgamento de outros/as. Suas decisões são frutos de suas ações, e suas ações frutos de seus sentimentos. Da mesma forma, a pessoa deficiente intelectual “apresenta particularidades em suas atitudes, pois a

¹ Quociente de Inteligência

manifestação de suas necessidades e sentimentos muitas vezes se faz por meio do comportamento” (EVANGELISTA, 2002, p. 245).

Entre tantas outras similitudes, destaco ainda o lugar social que o palhaço e o/a deficiente intelectual ocupam ao longo do tempo.

Evangelista (2002) descreve os deficientes intelectuais como “pessoas marcadas negativamente por uma sociedade na qual a inteligência, a beleza e a favorecida posição socioeconômica são fatores extremamente valorizados” (p. 35). Em paralelo, ao narrar a figura do palhaço na história do teatro Jara (2004) afirma:

“[...] estamos falando de gente não muito bem considerada: ‘ridículos demais’, ‘gênero mais baixo’ [...]. Gente que tem sido censurada, maltratada, depreciada, inclusive perseguida e condenada em outras épocas”² (JARA, 2004, p. 25 – tradução nossa).

O palhaço e a pessoa com deficiência intelectual têm em comum características comportamentais, cognitivas e emocionais. Além disso, ambos ainda hoje sofrem com atitudes de segregação e estigmatização: o/a deficiente é considerado/a e tratado/a como ‘anormal’ pela sociedade e excluído/a de seus direitos de lazer, participação política, saúde e educação; o palhaço, quando não é utilizado enquanto apelido pejorativo, é considerado como representante de uma ‘arte menor’.

Uma pedagogia da bobagem

Apesar de acreditar o palhaço e o clown enquanto sinônimos e optar pela utilização da primeira denominação, a pedagogia que proponho trabalhar no campo da educação especial é baseada em processos metodológicos ditos como ‘clownescos’, sobretudo em pedagogias oriundas da escola de Lecoq. Estas pedagogias baseiam-se no princípio de que o palhaço é a dilatação do ridículo de cada um e o trabalho para se chegar a este ‘estado’ consiste em atividades que exponham o aluno, de modo que este se encontre desnudo em suas bobagens (Lecoq, 2010).

Na proposta aqui apresentada, alguns conceitos e práticas destas metodologias são mantidos enquanto elementos motivadores e adaptados de acordo com as demandas do grupo. Dentre eles, destaco: o palhaço como dilatação do ridículo, o jogo e o autoconhecimento como estratégias pedagógicas, o nariz vermelho enquanto portal para a liberdade de ser.

² “estamos hablando de gente no muy bien considerada: ‘ademanes ridículos’, ‘género más bajo’ [...]. Gente que ha sido censurada, rechazada, depreciada, incluso perseguida y condenada en otras épocas.”

Contudo, significativas modificações se fizeram necessárias, dadas as possibilidades que os alunos com deficiência intelectual me apresentaram.

Uma delas é a exposição do aluno como prática pedagógica para se alcançar o estado ridículo do palhaço. Santos e Lazzari (2010) atentam para o perigo que muitos cursos de palhaço têm em distorcer as ideias de ridículo, fragilidade, exposição para um exercício doloroso e por vezes traumático, que em vez de catalisar as potencialidades criativas do aluno as atrofia. No caso de um trabalho no campo da educação especial, esse risco é ainda mais eminente.

A pessoa com deficiência intelectual costuma ser extremamente sensível a estímulos internos e externos e apresenta facilidade para o choro, a raiva, assim como o sorriso. As reações são espontâneas e instantâneas, pois não passam pelos filtros de censura moral e necessidade de adequação social que costumamos ter.

Por outro lado, um trabalho de exposição se faz não somente perigoso como desnecessário com estes alunos. É justamente pela verdade em suas reações que e apresentam genuinamente com seus ridículos, suas fraquezas e suas bobagens. O deficiente intelectual nada ou pouco esconde as peculiaridades de seu corpo e do seu jeito de estar no mundo. A prática que proponho, portanto, está na assunção dessas ridicularidades ali já mostradas enquanto elementos impulsionadores no trabalho com o palhaço e não enquanto obstáculos para os seus processos de inclusão social.

Outra questão é a maior presença da ludicidade e do jogo nos exercícios em sala de aula. Carmona (2004) defende a utilização de diferentes jogos para trabalhar a derrota e o imprevisto. Eu amplio a importância de atividades com tal caráter para um meio de introduzir conceitos primeiros para um processo pedagógico em artes cênicas como espaço, relação com o colega, trabalho de corpo e até assimilação de regras.

Um último adendo é o lugar do nariz vermelho no plano de ensino. A utilização da máscara do palhaço pode ser apresentada em diferentes momentos ou não, a depender da proposta do orientador. Enquanto palhaça, eu já participei de cursos que apresentam o nariz vermelho logo no início do processo, no final ou nem cheguem a introduzi-lo.

Na minha proposta enquanto pesquisadora e professora, o nariz possui papel essencial e é apresentado aos alunos como uma possibilidade de ser e estar no mundo em liberdade e plenitude; sua utilização é uma oportunidade de desapegar de qualquer timidez ou tentativa de enquadramento, possíveis resquícios de uma educação adestradora disfarçada em inclusão social.

Aspectos conclusivos

O campo da educação especial é igualmente desafiante e encantador, estas palavras não são contraditórias, mas se completam. O palhaço entra como uma alternativa pedagógica que trabalha o autoconhecimento e volta os olhos e os corações dos alunos para si mesmos.

A verdadeira inclusão não se encontra na maquiagem e na 'anormalização' do indivíduo, mas no trabalho da sua autoestima para que este se reconheça, nas suas diferenças, cidadão do mundo.

O encontro do palhaço com o aluno com deficiência intelectual baseia-se na orgulhosa plenitude de suas tolices e suas singularidades. Reconhecer nas diferenças a beleza do riso e do risível, a importância política em crer e agir de forma alheia aos padrões morais vigentes da sociedade, a atitude revolucionária em se assumir nas suas bobagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARMONA, Daniela; BARBOSA, Zé Adão. *Teatro: atuando, dirigindo, ensaiando*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2004.

EVANGELISTA, Leila. *Novas abordagens do diagnóstico psicológico da deficiência mental*. São Paulo: Vetor, 2002.

JARA, Jesús. *El clown, un navegante de las emociones*. 3ª Edição. Barcelona: Proexdra, 2004.

SANTOS, Lau; LAZZARI, Fabiana. No me toque las narizes: socorro! Não às pedagogias opressoras com nariz vermelho. In: TEATRO DE ANÔNIMO (org.). *Revista anjos do picadeiro 8*. Rio de Janeiro: 2010.

LECOQ, Jacques. *O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral*. Com a colaboração de Jean-Gabriel Carasso e de Jean-Claude Lallias. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

PACHECO, Domingo B.; VALENCIA, Rosário Paradas. A deficiência mental. In: PACHECO, D. et al. *Necessidades educativas especiais*. Lisboa: Dinalivro, 1997. (p. 209-223)

PUCETTI, Ricardo. No caminho do palhaço. In: TEATRO DE ANÔNIMO (org.). *Revista anjos do picadeiro 5*. Rio de Janeiro: 2006.